

IDENTIDADE DE GÊNERO: A REPRESENTAÇÃO NÃO-BINÁRIA EM *COMO SE ESTIVÉSSEMOS EM PALIMPSESTO DE PUTAS, DE ELVIRA VIGNA*

Herbert Sousa de Araujo (1); Dhébora Letícia Diniz Braga (2); Profa. Dra. Tássia Tavares de Oliveira (3)

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – herbertsousadearaujo@gmail.com

Permeada por discursos de cunho repressor, boa parte da sociedade se acostumou a tentar enquadrar os sujeitos em protótipos considerados adequados e ideais. Aqueles que por algum motivo fugiam dos arquétipos delineados sofriam com estereótipos pejorativos e preconceituosos. Ainda hoje conseguimos observar resquícios dessas atitudes hostis. Porém, as teorias sobre gênero vêm contribuindo para que haja uma maior manifestação das identidades plurais, possibilitando reflexões e enfraquecendo a noção binária. É partindo desses avanços que esse trabalho objetiva analisar a construção e representação de uma personagem não-binária em um romance brasileiro contemporâneo. *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas (2016)*, da escritora carioca Elvira Vigna, se configura como nosso objeto de pesquisa, pois apresenta uma personagem não-binária, a Lurien. Nossas observações residem no intuito de desvendar se há uma representação que possibilite uma visibilidade positiva para essa comunidade ainda minoritária, ou se ratifica as concepções discriminatórias e fechadas de outrora. Para tanto, temos como principais referências teóricas Lauretis (1994) e Butler (2010).

Palavras-chave: Gênero, Binarismo, Literatura Contemporânea.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, presenciamos importantes avanços no que diz respeito às questões de gênero. Tais estudos direcionaram o foco para as identidades líquidas e plurais, que sempre estiveram à margem, viabilizando uma certa quebra de paradigmas. No entanto, não podemos negar que os discursos de repressão ainda fazem parte de nossa sociedade e estão cada vez mais nítidos. Ao passo em que as minorias começaram a ter visibilidade e exigiram com mais evidência os seus direitos, os discursos de preconceito e autoritarismo também se ergueram mais nitidamente em uma tentativa de combate. Sendo assim, estamos novamente em uma época de polarização, na qual a conscientização ainda é um caminho extremamente necessário.

Nesse percurso de conscientização e reflexão, a literatura surge como uma ferramenta relevante e perspicaz. Como uma manifestação artística e cultural, as obras literárias possuem a capacidade de retratar o seu tempo e lançar um olhar crítico para as diversas camadas sociais, evidenciando uma realidade histórica e permitindo que haja uma importante representação dos grupos que tiveram suas vozes silenciadas durante séculos.

Nesse viés, esse artigo pretende observar e analisar como ocorre a construção de uma personagem não-binária em um romance brasileiro contemporâneo, atentando para os discursos e analisando se há uma representação positiva ou se corrobora com os padrões retrógrados e preconceituosos de outrora. *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* (2016), é um romance da escritora carioca Elvira Vigna e será nosso objeto de estudo.

A base teórica para a realização de nossa análise está fundamentada nos estudos de LAURETIS (1994), BUTLER (2010), RICHARD (2002) e SILVA (2000), por meio dessa revisão de literatura evidenciamos a noção de identidade como construto social, a própria questão de gênero e a importância da literatura como um meio de reflexão.

1. A IDENTIDADE E O GÊNERO

Segundo Silva (2000), a identidade se estrutura por meio de processos que estão diretamente relacionados aos sistemas de representação social e às estruturas discursivas que se modificam e se resignificam ao longo do tempo. Logo, a identidade não é delimitada e nem finalizada, ela está sujeita a transformações, pois se está imersa e fundamentada em questões sociais que se alteram, não há como permanecer intacta e homogênea. Nesse sentido, Silva nos diz que a identidade é instável e fragmentada.

Isso coloca em cheque a noção de uma denominada identidade masculina e feminina. Vivemos imersos em um conjunto de regras que tenta homogeneizar todos os sujeitos e enquadrá-los em duas categorias levando em consideração apenas o sexo. Tal ação se apresenta como um mecanismo de controle dos corpos, impedindo que haja uma formação de identidade que fuja dos padrões estabelecidos como “normais”. Se a identidade é um processo que resulta do contato direto com as práticas sociais, não há como normalizar o cada sujeito vai apreender dessa relação, por isso falamos em identidades plurais. Como cada um se enxerga diante de si e dos outros não pode ser interpretado como algo anormal, mas como manifestações diversas do existir e do ser. Nesse viés, se nossa identidade é inacabada e diversa, a construção do gênero também é, por esse motivo afirmamos acima que não há uma identidade masculina e feminina, ela pode existir apenas em teoria de repressão, mas não se realiza na prática social.

Lauretis (1994) nos diz que o gênero assim como a identidade é uma construção. Construção essa que se realiza entre o sujeito e as diversas entidades que estão na coletividade. Portanto, o gênero está em uma

relação social e cultural que envolve diversos fatores, entre eles, políticos e econômicos. Sendo assim, o gênero não está atrelado à diferença sexual e nem aos corpos, mas está sistematizado a uma enormidade de fatores que compõe o sujeito em sua existência. O que queremos evidenciar é que o gênero e a identidade caminham juntos, pois é pelo contato com os fatores sociais e coletivos que o sujeito irá compor a sua identificação, o que inclui o gênero.

Butler, em *Problemas de Gênero* (2010), comunga com as ideias de Lauretis mencionadas acima e afirma que o gênero é uma construção cultural envolta em diversos fatores. Sendo o gênero um conjunto de significados culturais não se pode afirmar que ele seja fixo ou imutável e ainda mais, se ele se configura como um processo, ele consequentemente assume uma postura que rompe com as noções de binarismo. Ao quebrar com as ideias binárias, o gênero não fica delimitado apenas ao universo masculino e feminino, mas se amplia e está fora dele, o que corrobora com as identidades fragmentadas e plurais que já citamos anteriormente. A tentativa de normalizar o binarismo parte de uma vontade e estratégia do androcentrismo para conter e controlar os corpos, tanto é que Butler trabalha com um conceito de *performatividade*.

Para a filósofa, a performatividade nada mais é do que um mecanismo que tenta disciplinar e regularizar os corpos, a partir de regras que são impostas e devem ser repetidas por todos os sujeitos. Tais regras partem exclusivamente do sexo. Ao nascermos todo um conjunto de normas nos é imposto, na tentativa de que sigamos um padrão que é esperado. Quando os sujeitos não obedecem as regras que foram definidas para o seu sexo há um conjunto de punições e consequências que vão de violências psicológicas à física. Essas são as consequências que as pessoas trans e travestis sofrem todos os dias em nossa sociedade, elas são vítimas de um preconceito visceral que mata, e quando não mata as coloca em um lugar inóspito e indelicado, tirando as oportunidades básicas de vida.

Butler ainda afirma que não há uma representação original de um gênero, porque toda identificação parte de uma construção, de um discurso que vem sendo delimitado há muitos anos. Desse modo, tudo o que fora montado para o universo masculino e feminino nada mais é do que a convenção de discursos. O que compreendemos agora como o gênero nada mais é do que a imitação daquilo que deveria ser cada um por meio do sexo. E é nesse sentido que a estudiosa no diz que a identidade de gênero é formada e estruturada por meio das ações performáticas, na qual o sujeito em sua

subjetividade aceita ou não o que fora delimitado para ele em seu nascimento. Desse modo, as identidades plurais vêm ganhando cada vez mais notoriedade, permitindo que os sujeitos saiam da marginalidade e não se sintam inferiorizados.

É claro e nítido que todas essas teorias e estudos acerca do gênero possibilitaram um novo olhar para as construções identitárias, mas ainda nos falta muito para conseguirmos romper com todos os preconceitos e punições advindos como consequência da fuga performática. Já vimos que a noção binária está cada vez mais enfraquecida, o que tem tornado mais nítido as identidades plurais e as diversas maneiras de identificação. Mas ao passo em que tivemos avanços, também tivemos fortes reações contrárias. Nesse sentido, a literatura se torna uma ferramenta política necessária para a reflexão e avanço social.

2. A LITERATURA COMO UMA IMPORTANTE FERRAMENTA DE REFLEXÃO SOCIAL E POLÍTICA

Para Richard (2002), a arte possui a capacidade de romper com os padrões determinados e lançar um olhar para os grupos minoritários e marginalizados. Sendo a literatura uma manifestação artística, ela também pode apresentar-se de modo a romper com as imposições da sociedade patriarcal, colocando no centro dos enredos questões importantes e cruciais para a ruptura do preconceito. Desse modo, a literatura não pode ser privada de liberdade, como uma produção artística ela possui um caráter de transgressão, de subversão.

A literatura também tem a capacidade e o poder de falar do seu tempo, refletir as demandas que surgem e propiciar a discussão e o debate. As questões de gênero têm estado no centro dos debates nos últimos anos, essa é uma demanda que não se pode mais ocultar, ou fingir que não existe. Imbricadas por essas teorias e contribuições, as produções literárias têm cada vez mais abordado essas questões, permitindo que os grupos ainda minoritários tenham visibilidade e se sintam representados. O grande cerne que se insere nesse quesito é saber se nossos artistas contemporâneos estão aproveitando essa capacidade de ruptura da literatura para realizar uma representação positiva e adequada aos novos tempos. Partindo de tal afirmação nos propomos a olhar para o nosso objeto de estudo no tópico a seguir, verificando como ocorre a representação não-binária.

3. O ROMANCE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO E A REPRESENTAÇÃO NÃO-BINÁRIA

Lançado em 2016 pela editora Companhia das Letras, *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*, é um romance da carioca Elvira Vigna e apresenta um enredo centralizado nas conversas de dois estranhos que se encontram na cidade do Rio de Janeiro. A narradora expõe as confissões que ouviu de João, a maioria delas diz respeito a encontros com garotas de programa em viagens pelo Brasil e pelo mundo. Narrando essas aventuras, a relação entre ambos se torna mais estreita quando João decide morar em um apartamento que pertencera a narradora. Em sua nova morada, ele se torna colega de seus novos vizinhos, os mesmos que a nossa narradora tivera antes de se mudar. Entre esses vizinhos está a personagem não-binária Lurien. É nela que direcionaremos o nosso foco de análise e discussões.

3.1. A descrição de Lurien

A narradora do romance conheceu a Lurien quando dividia um apartamento com uma garota de programa, eram vizinhos e logo tiveram de se relacionar. A seguir um fragmento que apresenta as impressões tida pela narradora ao olhar para a nossa personagem:

“Lurien é uma tradução em andamento, digo. Não só porque é uma pessoa, portanto anda, está em estado de andamento, mas principalmente porque é uma tradução nunca terminada. As mãos grandes na busca do gesto feito para outras mãos, menores. A voz feita para outras modulações, mais finas, cacarejantes.

Um ridículo meu. Lurien nunca soube disso, ainda bem. Riria na minha cara. Ele não se traduz de uma coisa para outra e o mundo não é binário. Claro. Não era só o João o burrinho. Eu também o era, embora não nos mesmo assuntos.” (VIGNA, 2016, p. 113)

A descrição da personagem nos coloca a perceber os traços considerados femininos presentes em um corpo do sexo masculino, seja pelas mãos, ou até mesmo pela voz. Mas o que chama a atenção é o fato da narradora mencionar que Lurien não é um ser acabado, mas que está em tradução, em andamento. Isso corrobora com o que afirmamos acima, de que identidade e gênero não são estáticos e imutáveis, mas estão sempre em transição. Ainda nesse viés, a narração nos coloca a refletir que a personagem não se define como pertencente a um gênero, ou a outro, mas está além, está fora da noção de binarismo. Sendo assim, temos no romance a representação de uma personagem trans não-binária, que não tem necessidade de se identificar como sendo de um único gênero, mas é fluído, híbrido.

Uma outra questão que nos chama atenção na narração é o fato de que a própria narradora se refere a Lurien por meio do pronome no masculino. Como a personagem, segundo a mesma narração, não está definida como pertencente a algum gênero, o uso do

pronome no masculino não parece soar como uma ação preconceituosa. É comum encontrarmos discursos que tendem a se referir as pessoas trans a partir de seu sexo biológico, não se importando com a sua subjetividade e nova identidade, o que leva a ser uma ação ignorante e discriminatória. Não é o caso da narradora, ela utiliza o termo no masculino por entender que naquele momento qual pronome conseguiria se referir a personagem. Além disso, ela assume sua ignorância diante do “novo”, assume que ainda precisa aprender determinados assuntos.

Em outro momento, a narradora apresenta Lurien em seu trabalho, vejamos a seguir:

“É Lurien, funcionário da prefeitura, quem consegue andar com os papéis, aprovar o projeto da adição de mais um andar no prédio.”
(VIGNA, 2016, p. 111)

Lurien é uma das pouquíssimas pessoas trans que consegue ter um trabalho desse tipo. Vivemos permeados de preconceitos, as pessoas que não seguem os padrões, a *performatividade*, são colocadas à margem de tudo. A perda do direito ao trabalho e a educação se configuram como consequências brutais da violência que sofrem as pessoas que não se definem como mandam os discursos androcêntricos. Por isso mencionamos que a definição em padrões é uma tentativa de controle dos corpos, porque o que é natural e privado, passa a ser visto como algo anormal e de domínio público. Nesse sentido, a inserção de Lurien no mercado de trabalho nos coloca a olhar um dado que ainda está longe de ser alcançado por muitas pessoas trans e travestis. É a ignorância quem mata e afasta essas pessoas de uma vida minimamente digna.

3.2. A vida afetiva de Lurien

Quando João se muda para o apartamento que antes pertencera a narradora, ele tem de lidar com os novos vizinhos, entre esses vizinhos está Lurien. Logo, começam uma amizade que se apresenta muito mais do que uma simples relação amigável de vizinhos. Vejamos a descrição da narradora:

“Lurien pode ter sido um espanto e um conforto para João. Lurien, ao lado de João, na casa de um ou de outro, vendo jogo de futebol, filme, seriado idiota, palavrões, cerveja e a comemoração do gol com Lurien levantando os braços, discreto, o sorriso embaixo da sobrelha feita. Nenhuma competição. Impossível, a competição. Nenhum exercício possível de poder. E nenhum medo.”
(VIGNA, 2016, p. 187)

A narradora nos aponta que Lurien foi uma enorme surpresa para João, pois ao passo em que provocou um estranhamento, logo o

envolveu em um sentimento de conforto, tranquilidade. Na descrição podemos observar que eles faziam diversas atividades juntos, o que foi tornando a amizade cada vez mais afetiva. Não havia sentimento de competição, apenas de entrega, de ambos. O espanto que João tivera inicialmente já não era mais perceptível, depois de tantas alegrias e momentos compartilhados, não havia nada mais que os impedissem de se mostrar um para o outro como realmente eram. E fizeram.

João gostava de manter uma relação de poder em seus relacionamentos, quando conhece Lurien e passam a desenvolver esse lado afetivo, o poder já não é mais o centro de sua preocupação, como a própria narradora fez questão de mencionar, não havia nenhum exercício possível de poder. Havia apenas duas pessoas que viviam experiências juntas e estreitavam os laços. Aqui verificamos Lurien como um ser que ama, que se relaciona, que se permite desenvolver a afetividade, assim como todos os humanos. Uma das consequências mais severas que as pessoas trans sofrem é o estigma de que não são pessoas para amar, elas são colocadas à margem até das relações afetivas, sendo compreendidas como objetos e não mais como seres existenciais. A narração nos coloca a observar Lurien como pessoa, que existe em suas potencialidades tanto quanto qualquer outra.

Ainda nesse viés, vamos analisar mais um acontecimento envolvendo Lurien e João. Observemos o fragmento selecionado abaixo:

“E entra no quarto atrás de Lurien a tempo de ver ele abrindo uma gaveta e tirar um remédio que ela jamais saberia que estava lá mas que Lurien sabe. E que, a mão tremendo, Lurien tira do redondinho de papel metalizado em que cada pílula dessas fica, lá, deitada, esperando.

Tira e enfia, a mão tremendo, na boca de João.

Olha muito para ele, a respiração ofegante, o suor frio que desce aos rios pelo corpo dele todo, testa, braços. João olha para Lurien. E cospe a pílula.

Lurien diz, não, não! E torna a botar a pílula dentro da boca de João que agora, o que é aquilo?, é um quase sorriso que ele dá para Lurien, a expressão subitamente muito doce.” (VIGNA, 2016, p. 199)

Ao receber uma visita de sua ex-mulher, João passa mal e entra em um estado quase fatal, percebendo a gravidade da situação, ela começa a pedir ajuda. Ao ouvir os pedidos de socorro vindos do apartamento de seu companheiro, Lurien rapidamente se apresenta na tentativa de socorrê-lo. Só Lurien sabia onde ficavam os medicamentos que João tomava e que precisara naquele momento, sem delongas os remédios são retirados da embalagem e colocados na boca de João, porém, ele recusa, não aceita a ajuda que lhe salvaria. Segundo a

narração, Lurien se encontra em um estado de desespero, tentando evitar que o seu parceiro faleça, mas o próprio João lhe olha docemente, como se dissesse que não tentasse mais uma vez. O sorriso expresso com doçura parece ser um agradecimento a Lurien, um reconhecimento de gratidão, João só pudera ser ele mesmo quando se envolveu afetivamente com nossa personagem. Mas o momento de partir se fazia necessário e assim João sucumbe. O que queremos chamar atenção nesse excerto é o fato de que Lurien era a única pessoa que conhecia João, eles se entregaram numa relação afetuosa em que não havia preconceitos, mas amor.

Sendo assim, a narrativa direciona um olhar para a sentimentalidade da personagem e nos coloca a refletir suas potencialidades. Ao não se limitar a uma mera descrição rápida, o enredo propicia uma representação cuidadosa e delicada. É com essa linha de reflexão que analisaremos o último fragmento selecionado no tópico a seguir.

3.3. O recomeço de Lurien

Com a morte de João, Lurien recebe em testamento um apartamento que ficava no bairro da Olaria. Sua vida se modifica depois desse acontecimento e a mudança não se dá apenas no sentido da localidade, mas é de ordem maior. Observemos o fragmento abaixo:

“Em Olaria fica o terreiro de umbanda que ele frequenta. Vai ficar bem. Vai ficar muito bem. Vai para uma vida que parece ser a sua desde sempre. “Muito prazer, sou seu novo vizinho.” Ou: Muito prazer, sou sua nova vizinha.” Qual dos dois, uma decisão de Lurien. E seja qual for, é a que valerá”. (VIGNA, 2016, p. 210)

Podemos observar no excerto que Lurien também faz parte de uma religião que sofre com a ignorância e muitas atitudes preconceituosas. Além disso, há uma busca de recomeço na Olaria, a personagem se muda para o outro bairro depois de ter vivido muitas transformações pessoais e sentimentais. João lhe fizera muito bem. Um outro dado que é importante chamarmos a atenção é para o fato de a narradora ter mencionado a escolha do pronome que Lurien poderá fazer. Assim podemos associar com o primeiro tópico de análise, quando mencionamos o uso do masculino pela narradora. A escolha pode ter acontecido exatamente pelo fato de que Lurien não delimitou essa escolha, um dia pode haver tal preferência e seja qual for, vai ser válida, porque é uma definição individual e subjetiva. Talvez também não tenha uma predileção e continuará será legítimo. Como já vimos, o gênero e a identidade nunca estão acabados e imutáveis, são processos que se modificam e alteram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação de Lurien no romance contribui positivamente para uma reflexão acerca das identidades plurais. Observamos que há uma preocupação em tratar a personagem por meio de uma humanização, é uma personagem que trabalha, que ama, que exerce sua religiosidade, que se preocupa com o outro, que vive sua sentimentalidade. O uso do pronome como já discutimos, não soa como uma ação preconceituosa, pois de acordo com a narração, a própria personagem não se define como pertencente a algum gênero.

Enfatizar que a escolha de Lurien é a única que valerá, assegura que a identidade de gênero é um processo subjetivo, natural e legítimo. Com isso, consideramos que tal obra proporciona uma representatividade positiva para essa comunidade minoritária, tendo em vista que não se rende aos estereótipos negativos e discriminatórios.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H.B. de (org). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RICHARD, N. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SILVA, T.T. *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

VIGNA, E. *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.